

PERMANÊNCIAS DAS IMPLICÂNCIAS DE LIMA BARRETO EM OS BRUZUNDANGAS

Renato Modeneze do Nascimento ¹
Universidade São Francisco
renaton82@gmail.com

Lilian Florêncio de Godoy ²
Universidade São Francisco
lilif_godoy@hotmail.com

Resumo: Lima Barreto, escritor negro dos subúrbios do Rio de Janeiro, muito produtivo nas duas primeiras décadas do século XX, denunciou diversos contrassensos pelos quais o Brasil atravessava por meio de suas implicâncias, materializadas em uma das suas obras - *Os Bruzundangas* (1922), na qual Lima Barreto satiriza diversos aspectos do contexto sociocultural do Brasil, porém, destaca-se que todos esses aspectos problematizados pelo autor foram atravessados pelos temas da exclusão social e do aumento da pobreza, ambos matizados pelo racismo vivenciado pela população negra e seus descendentes no Brasil. Este artigo propõe uma leitura do contexto histórico do Brasil nas duas primeiras décadas do século XX através das lentes de Lima Barreto, explorando uma das potencialidades da literatura, a de ser uma “história inoficial” (KOTHE, 1976), ou seja, não limitada aos fatos, mas atenta às possibilidades, aos conflitos que se colocavam à época, aos grupos sociais que foram silenciados pela história oficial, às resistências. Propõem-se, ainda, no diálogo com outros escritores e artistas, deflagrar permanências desses problemas políticos, econômicos, sociais e culturais do Brasil desde as primeiras décadas do século XX até a atualidade. Para estabelecer esses diálogos serão mobilizadas fontes diversas de escritores e artistas intencionalmente de diferentes décadas do século XX, mas com uma questão em comum: a utilização das suas obras para denunciar algum tipo de exclusão vivida por determinados grupos sociais. Entre eles está: Carolina Maria de Jesus, escritora, semi-analfabeta e catadora de papel, moradora de uma favela de São Paulo, que entre as décadas de 50 e 60, escreveu diários pessoais que passaram a compor o livro *Quarto de Despejo* e Racionais MCs, grupo de rap de uma periferia de São Paulo que desde fins dos anos 1980, por meio das suas canções, denuncia problemas envolvendo a exclusão econômica, social e racial vivida por moradores de favelas no Brasil.

Palavras-chave: Lima Barreto. Os Bruzundangas. Implicâncias. Permanências.

¹ Mestre em Educação pela Universidade São Francisco (USF) em Itatiba/SP, dentro da linha de pesquisa Educação, Sociedade e Processos Formativos; Especialista em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP; Graduado em História e Pedagogia; Pesquisador do Grupo de Pesquisa Rastros: História, Memória e Educação, certificado pelo CNPq. E-mail: renaton82@gmail.com.

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade São Francisco (USF) em Itatiba/SP; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Rastros: História, Memória e Educação. E-mail: lilif_godoy@hotmail.com.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Considerações Iniciais

Este texto focaliza a obra literária *Os Bruzundangas*, escrita por Lima Barreto (1881-1922), escritor negro e pobre, morador dos subúrbios do Rio de Janeiro, mas que também transitava pelos cafés do centro da cidade, espaços ocupados, sobretudo, por uma elite letrada branca. Aliás, esse trânsito por entre espaços nos quais predominava certo grupo social foi essencial para que ele desenvolvesse uma escrita tão própria, marcada por sátiras, um humor debochado, uma revolta incômoda, por denúncias desconcertantes.

Essa abordagem a *Os Bruzundangas* pode ser vinculada a diferentes áreas do conhecimento: história, literatura e outras ciências sociais. A relação entre a história e a literatura estreitou-se ao explorar uma das potencialidades dessa relação privilegiando *Os Bruzundangas*, uma obra literária, enquanto fonte histórica e objeto de pesquisa. Além de uma produção literária que traz as marcas da singularidade de seu autor. Ela expressa pensamentos, sensibilidades, valores, práticas e costumes da época na qual foi produzida, logo, ela é matizada pelas tensões de seu tempo. O valor atribuído à literatura, nesta pesquisa, é o de uma “historiografia inconsciente” ou “inoficial” (KOTHE, 1976), no sentido de não estar limitada apenas aos fatos históricos, ou seja, ao que ocorreu, mas preocupada também com as omissões, os cortes, as deformações, as possibilidades que se colocavam.

A escolha desta obra - *Os Bruzundangas* –, dentre tantas que Lima Barreto produziu, diz respeito à amplitude de temas abordados, tais como: produção cultural, religião, economia, política, industrialização, agricultura, educação, dentre outros. Os assuntos são tantos e tão amplos que representam um dos motivos da escolha do livro para o aprofundamento da pesquisa: o seu potencial historiográfico.

No quadro a seguir, organizado com o objetivo de apresentar *Os Bruzundangas* de Lima Barreto de uma maneira panorâmica, é possível algumas conclusões a respeito desta obra, dentre elas, a amplitude de temas tratados pelo autor, o que se nota nos títulos dos artigos, os quais posteriormente tornaram-se capítulos do livro.

QUADRO 1 - Textos que compõem o livro *Os Bruzundangas*

Título do Texto	Publicação		Edição
	Revista	Data	
Prefácio	Publicado direto como livro		1ª (1922)
Os samoiedas	Publicado direto como livro		1ª (1922)
I - Um grande financeiro	A.B.C.	06/01/1917	1ª (1922)
II - A nobreza da Bruzundanga	A.B.C.	20/01/1917	1ª (1922)
III - A outra nobreza da Bruzundanga	A.B.C.	20/01/1917	1ª (1922)
IV - A política e os políticos da Bruzundanga	A.B.C.	27/01/1917	1ª (1922)
V - As riquezas da Bruzundanga	A.B.C.	10/02/1917	1ª (1922)
VI - O ensino na Bruzundanga	A.B.C.	03/03/1917	1ª (1922)
VII - A diplomacia da Bruzundanga	A.B.C.	17/03/1917	1ª (1922)
VIII - A Constituição	A.B.C.	10/03/1917	1ª (1922)
IX - Um mandachuva	A.B.C.	24/03/1917	1ª (1922)
X - Força armada	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XI - Um ministro	A.B.C.	31/03/1917	1ª (1922)
XII - Os heróis	A.B.C.	28/04/1917	1ª (1922)
XIII - A sociedade	A.B.C.	05/05/1917	1ª (1922)
XIV - As eleições	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XV - Uma consulta médica	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XVI - A organização do entusiasmo	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XVII - Ensino prático	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XVIII - A religião	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XIX - Q. E. D. ³	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XX - Uma província	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XXI - Pancome, as suas ideias e o amanuense	Publicado direto como livro		1ª (1922)
XXII - Notas soltas (diversos temas)	Publicado direto como livro		1ª (1922)
OUTRAS HISTÓRIAS DOS BRUZUNDANGAS			
As letras na Bruzundanga	O Parafuso	12/03/1919	3ª (1952)
A arte	A.B.C.	13/09/1919	3ª (1952)
Lei de promoções (crônica militar)	Careta	29/01/1921	3ª (1952)
Rejuvenescimento	Careta	19/03/1921	3ª (1952)
No salão da marquesa	Careta	05/11/1921	3ª (1952)
Outras notícias	A.B.C.	23/11/1918	3ª (1952)

Fonte: Organizado pelo autor.

³ Q.D.E. é a abreviação de uma expressão em latim que significa “como se queria demonstrar”.

Permanências e Atualidade das Implicâncias de Lima Barreto em Os Bruzundangas

Apesar das inúmeras questões que me motivaram a aprofundar nesta pesquisa, as quais envolviam comparações entre o Brasil atual e o do início do século XX, a identificação das relações de dominação e subjugação entre diferentes grupos sociais, a visão e o lugar de um escritor negro naquela sociedade, sua visão e críticas em relação à educação, dentre outros, uma questão tornou-se central - suas implicâncias -, sobretudo após deparar-me com esta sua autodefinição (ou indefinição): “O que tenho são implicâncias parvas [...] e não em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou anarquista, não sou nada: tenho implicâncias” (BARRETO, 1911 apud REZENDE, 2017, 1. 1273). Que implicâncias eram essas? O que as motivava? Quais tensões fomentavam-nas?

Nos rastros dessas implicâncias, notei que a potencialidade de tal abordagem encontra-se, sobretudo, na atualidade das problemáticas tratadas a partir das críticas de Lima Barreto, mesmo após um século, tornando-as incômodas e sensíveis para alguns grupos sociais, por tratar de questões raciais cujas discussões vêm aumentando nas últimas décadas, de questões socioeconômicas que pressupõem relações tensas entre diferentes classes sociais, além de questões políticas e educacionais. Não apenas atuais, tais implicâncias apontam para permanências de algumas questões no Brasil desde o início do século XX até esse início do século XXI, sejam permanências dos mecanismos de concentração de renda nas mãos de pequenos grupos, das articulações entre determinados grupos sociais e os políticos a fim de perpetuar seus privilégios, de crenças e mecanismos racistas que pretendem manter grupos de origens africanas e indígenas excluídos de acessos à política, à educação e moradia de qualidade, dentre outras.

Escolhi evidenciar essas permanências por meio de um diálogo proposto com as obras de Carolina Maria de Jesus e Racionais MC's, pois em *Os Bruzundangas* eu vejo

“quarto de despejo”⁴; vejo um “Negro Drama”⁵. Trouxe uma das canções dos Racionais MC’s e a obra literária de Carolina, por entender que a história se constrói a partir de questões candentes do presente e que estas pressupõem experiências que “[...] nos tocam, atravessam e deslocam”. (LARROSA, 2014).

Nas implicações de Lima Barreto, além de permanências visíveis até a atualidade no Brasil, percebo uma revolta, um grito expressado em palavras escritas que me levaram a dialogar com Carolina Maria de Jesus e com os Racionais MC’s. Resguardadas as distâncias temporais, sociais, educacionais, de localização e de gênero, que podem interferir na análise, todos expressaram sua revolta, seu grito, de maneira escrita, falada ou cantada, mas expressaram-se. Falo, então, não apenas de excluídos, mas do grito dos excluídos, ou seja, daqueles que não aceitam pacificamente a sua exclusão, que não estão satisfeitos com o lugar que lhes relegaram e que estão dispostos a lutar, a dialogar, a interpelar (DUSSEL, 1980).

Valendo-me da perspectiva de Dussel a respeito do grito, entendendo-o como uma ‘interpelação primitiva’, “um rugido”, “um clamor inteligível”, à espera de alguém que o ouça e o atenda (DUSSEL, 1980, p. 19). Do Rio de Janeiro das duas primeiras décadas do século XX, gritou Lima Barreto um grito marcado pela discriminação racial, social e econômica, por sua exterioridade (DUSSEL, 1995) em relação ao meio literário; de uma favela de São Paulo, entre as décadas de 50 e 60, gritou Carolina Maria de Jesus um grito de fome, de exclusão social e econômica, de exclusão do processo escolar; de uma periferia de São Paulo continua gritando os Racionais MC’s, nas primeiras décadas do século XXI, um grito de exclusão racial, social, econômica e cultural, de inconformidade com tantas permanências, de alguém que tem clareza das relações de poder que se estabeleceram no Brasil desde a chegada dos portugueses: “[...]”

⁴ Referência ao livro *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada (1960)*, da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Carolina, além de escritora, semianalfabeta, foi catadora de papel e mãe de três filhos. Diante de todas as mazelas, perdas e discriminações que sofreu por ser negra e pobre, Carolina revelou, através de sua escritura, a importância do testemunho como meio de denúncia da desigualdade social e do preconceito racial. Texto adaptado da biografia disponível em: <<http://esperanca-garcia.blogspot.com/2010/07/biografia-carolina-maria-de-jesus.html>>. Acesso em 31 ago. 2018.

⁵ Referência à música *Negro Drama*, do grupo de rap Racionais MC’s. Nessa música, são retratados os enfrentamentos diários de um negro favelado que passa por preconceitos com o seu cabelo, com a sua cor de pele, com o lugar onde vive, com o fato de ser criado apenas pela mãe, entre outros; ou, como preferem os compositores, de um “promissor vagabundo”, considerando tantas adversidades.

desde o início por ouro e prata, olha quem morre então veja você quem mata” (RACIONAIS MC’s, 2002).

Em *Os Bruzundangas*, percebo a revolta de um negro querendo fazer parte de um meio – o dos literatos – quase que exclusivamente para brancos no período; percebo alguém de fora tentando uma comunicação com os que estão dentro, ou uma exterioridade tentando interpelar com uma totalidade (DUSSEL, 1980); percebo um incompreendido, muitas vezes até por seus familiares.

Semelhante revolta, noto nos relatos de Carolina Maria de Jesus⁶, a qual, enquanto negra e favelada, representa bem essa exterioridade.

A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. [...] Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. [...] Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gosar descanso (JESUS, 1960, p. 9-10).

Simbioticamente, porém, em *Os Bruzundangas*, percebo também alguém que não deseja fazer parte de um meio excludente; alguém que tem sonhos, que tem esperança, que deseja ser aceito, que quer conquistar, mas não a qualquer custo; percebo alguém que pagou o preço de ser incompreendido, de ser rejeitado, excluído, mas não pagaria o preço de ser aceito, compreendido, querido sozinho; percebo alguém que lutava não apenas para ser aceito, mas para mudar, para construir uma realidade na qual pudesse ser aceito sem precisar lutar.

Assim como em *Os Bruzundangas*, na letra da música *Negro Drama*⁷, do grupo Racionais MC’s, evidencia-se essa condição de excluído de uma totalidade, mas, ao mesmo tempo, o desejo de não ser incluído nela a qualquer custo, de não ser corrompido por ela.

Admito,

⁶ Manteve-se a ortografia original nas citações de JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo [...]*.

⁷ A música *Negro Drama*, do Grupo Racionais MC’s, faz parte do álbum *Nada como um dia após o outro dia*, de 2002. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/discografia/>>. Acesso em: 16 set. 2018. Obs.: Manteve-se a ortografia original na letra das canções do grupo citadas nesta dissertação.

Seus carro é bonito sim,
Eu não sei fazer,
Internet, vídeo-cassete,
Os carro louco,
Atrasado,
Eu tô um pouco sim,
Tô, eu acho,
Só que tem que,
Seu jogo é sujo,
E eu não me encaixo, [...]
(Racionais MC's, 2002).

As discussões sobre questões raciais e de gênero avançaram muito, em particular após a década de 1970 do século XX. Lilia Schwarcz (2017), uma das biógrafas de Lima Barreto, atribui certo vanguardismo a ele ao propor discussões avançadas para a sua época, como sobre racismo e sobre outros problemas da República. Nesse sentido é que sua obra se torna atual e necessária para se pensar o Brasil e a permanência de algumas mazelas nacionais, como sugere Carolina de Jesus no seu diário de 2 e 10 de maio de 1958, ao narrar a intimação à seu filho, uma criança de 9 anos, à delegacia.

Recebi intimação para comparecer as 8 horas da noite na Delegacia do 12. Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doíam tato que eu não podia andar. Começou chover. Eu ia na Delegacia, ia levar o José Carlos. A intimação era para ele. O José Carlos está com 9 anos. [...] O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil à pátria e ao país. Pensei: se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? [...] Não posso resolver nem as minhas dificuldades. O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças (JESUS, 1960, p. 25-26).

Nos dias seguintes, 11 e 13 de maio, ao narrar sobre a fome.

A D. Teresinha veio visitar-me. Ela deu-me 15 cruzeiros. Disse-me que era para a Vera ir no circo. Mas eu vou deixar o dinheiro para comprar pão amanhã, porque eu só tenho 4 cruzeiros. Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no frigorifico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje puis os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam fome eles não são exigentes no paladar. [...] Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. [...] E

assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 1960, p. 26-27).

Permanências! Permanências! Quantas permanências! Em uma criança negra e favelada que é assistida pelo Estado por meio de uma delegacia, em um agente do Estado (tenente) que sabe apontar os perigos de uma favela, mas que não pretende fazer nada para solucioná-los, na pobreza sendo pensada como sinônima de perigo, em uma mãe que precisa optar em alimentar os filhos ou proporcionar-lhes um dia de diversão em um circo, nas desigualdades socioeconômicas nos centros urbanos, materializadas, neste caso, na luta diária de uma família favelada contra a fome. Permanências! Permanências! Quantas permanências!

Uma questão bastante recorrente em *Os Bruzundangas* é a exclusão social associada à questão racial, inclusive ao satirizar que os próprios javaneses (modo como Lima Barreto referiu-se aos negros e mestiços em *Os Bruzundangas*) aceitavam e acreditavam na sua inferioridade diante dos estrangeiros. Essa exclusão social, que muitas vezes está relacionada à questão racial, é outra permanência do período, denunciada pelo grupo de rap Racionais MC's na atualidade de sua música.

[...]
Família Brasileira,
contra o mundo,
Mãe solteira,
De um promissor,
Vagabundo,
Luz, Câmera e Ação,
Gravando a cena vai,
O Bastardo,
Mais um filho pardo,
Sem Pai,
[...]
Aquele loko,
Que não pode errar,
Aquele que você odeia,
Má nesse instante,
Pele pardo,
Ouço Funk,
E de onde vem,
Os diamante,
Da lama,
[...]
(Racionais MC's, 2002).

Nessa canção, o termo “pardo” refere-se à cor de Mano Brown – integrante do grupo, um dos compositores da letra e que canta esse trecho –, ou como ele prefere, “mais um promissor vagabundo”, seja pela sua cor, por ter sido criado sem o pai ou pelo fato de crescer em uma periferia, à semelhança de inúmeros outros indivíduos que são alvo do preconceito racial e social, especialmente em São Paulo, onde reside o líder do grupo. Mais adiante, ele se define como “aquele loko que não pode errar” e que é odiado por sua condição. Todas essas expressões usadas por Mano Brown me remetem aos “javaneses”. Associao a figura personificada em “Negro Drama” à dos “javaneses”, pois ambos representam um grupo que “não pode errar”, um grupo odiado pelas elites, seja pela sua cor “parda”, seja por sua cultura que, na música, se materializa no gosto por ouvir *funk*.

Esse diálogo poderia ser estendido para outras obras de Lima Barreto e de Carolina Maria de Jesus, também para outras canções dos Racionais MC’s, assim como para tantos outros escritores e artistas ao longo do século XX até a atualidade, porém, os trechos mobilizados são suficientes para expressar as permanências e a atualidade das implicâncias centenárias de Lima Barreto, as quais não apenas me impulsionam a *Os Bruzundangas* hoje, mas quase me arremessam a esta obra. Diante do atual cenário político, sobretudo considerando as discussões que envolvem a educação neste início do século XXI, percebo a potencialidade e até a urgência de me voltar a *Os Bruzundangas* e a Lima Barreto.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. 3. ed. 8. impressão. São Paulo: Ática, 2004.
- BLOG Coletivo Cultural Esperança Garcia. **Biografia de Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <<http://esperanca-garcia.blogspot.com/2010/07/biografia-carolina-maria-de-jesus.html>>. Acesso em 31 ago. 2018.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia na América Latina 1**. Filosofia da Libertação. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola e Ed. UNIMEP, 1980.
- _____. **Filosofia da libertação**: Crítica a Ideologia da Exclusão. Tradução Georges I. Maissiat, São Paulo: Paulus, 1995.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Editora Livraria Francisco Alves, 1960.
- KOTHE, Flávio R. **Para ler Benjamin**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi, 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- RACIONAIS MC'S. Negro drama. In: _____. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Unimar Music, 2002. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/discografia/>>. Acesso em: 16 set. 2018. Faixa 5.
- REZENDE, Beatriz. (Org.). **Impressões de leitura e outros textos críticos**: Lima Barreto. S.l.: Penguin & Companhia das Letras, 2017. 360 p. Kindle Edition, Location 1273. Disponível em: <<https://ler.amazon.com.br/?asin=B073X3Z7R1>>.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: Triste Visionário. 1 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2017.